

FORMAÇÃO DOCENTE EM LETRAS: O/A LICENCIANDO/A COMO LEITOR/A E COMO AGENTE DE LETRAMENTO LITERÁRIO

Fábio José dos Santos ¹
Maria Aparecida Silva ²

A escola de educação básica é, sem dúvida, um dos espaços oficiais mais importantes no processo de formação de leitores. Nela, o professor assume um papel relevante no processo de apropriação da leitura literária pelos estudantes, que se vão experimentando nos gostos temáticos, nas experiências com os diversos estilos, com a multiplicidade das linguagens. Com efeito, o agenciamento suposto no trabalho do professor de literatura, nesse contexto de mediação entre textos e leitores, pode suscitar leituras para além do espaço escolar, num processo em que a literatura é entendida como fator de humanização dos sujeitos (Candido, 2014).

Esta reflexão, de caráter bibliográfico, objetiva pensar sobre as especificidades do discurso literário – que suscitam uma maneira particular de apropriação pelo leitor –, bem como sobre aspectos implicados na dinâmica do trabalho com o texto na escola, considerando-se o papel do docente em formação em Licenciatura em Letras como um sujeito que contempla o texto e suscita o diálogo sobre ele, provocando a leitura como um jogo.

Fundamentam, especialmente, esta discussão reflexões feitas por Bakhtin (2011) sobre dialogismo e responsividade; estudos de Bakhtin (2010) Pareyson (2001) acerca da estética; e noções de letramento literário, de Cosson (2017). Outros estudiosos servem de base para reflexões acerca do discurso literário – incluindo a ideia da literatura como um jogo, a partir do trabalho de (Huizinga, 2014) – e do trabalho com a literatura na escola.

Literatura, leitura e formação docente em Letras: pensar o professor como leitor e agente de letramento literário

Compreendemos que os significados dos textos, especialmente daqueles que pertencem ao domínio literário, não são predefinidos; eles requerem o envolvimento ativo do leitor, que deve enxergar as pistas interpretativas do texto como desafios a serem solucionados. Isso leva

¹ Mestre em Letras e Linguística, Doutor em Estudos Literários e Pós-Doutor em Linguística e Literatura. Docente EBTT do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, *Campus* Maceió, fabio.santos@ifal.edu.br.

² Mestre em Letras e Linguística e Doutora em Letras e Linguística. Docente EBTT do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, *Campus* Maceió, maria.aparecida@ifal.edu.br.

em conta, por exemplo, a esfera ou campo discursivo em que o texto se produz. Bakhtin (2011, p. 261) afirma que “os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e que os “enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo”. As produções languageiras são engendradas numa relação de forças históricas, sociais, culturais e ideológicas que regem suas maneiras de ser, de acontecer; e isso põe os interlocutores numa dinâmica de diálogo em que, do lado do leitor – e não somente da parte de quem produz o texto – espera-se, também, uma postura ativa/produtiva.

No âmbito literário, exige-se do leitor um comportamento específico diante do texto, que, entre outras ações, considere a abertura à polissemia que esse tipo de enunciado supõe, uma vez que sua forma está constantemente indicando ao leitor que essa abertura não é aleatória e sem limites para a compreensão. A literatura é uma forma de arte e, como tal, é criada através de uma relação profunda entre a forma que dá origem a cada obra específica, como um poema, um conto ou um romance, e o conteúdo que só existe devido à sua conexão com uma estrutura organizada, destinada a expressar esteticamente o mundo. Nesse sentido, a leitura desse tipo de texto envolve um processo de percepção semelhante ao da apreciação de qualquer forma de arte: um ato de compreensão que se concentra principalmente em como a mensagem é elaborada – revelando, artisticamente, os significados subjacentes às camadas superficiais do texto. Essa forma de leitura, em vez de buscar apenas entender o que está sendo dito, concentra-se em questionar o como isso está sendo feito.

Jonathan Culler (1999) afirma que uma das características da literatura é que ela constitui um tipo de discurso que coloca a linguagem em primeiro plano, de que resulta um estranhamento no leitor, haja vista as estratégias que o próprio texto apresenta para anunciar-se, antes de mais nada, linguagem que se quer mostrar como tal. Para esse autor, a literatura “é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa” (Culler, 1999, p. 36), integrando as diversas camadas do texto. Importa observar, então, a relação inextricável entre os elementos composicionais e os conteúdos evocados no texto. Como afirma Bakhtin (2010, p. 58), o conteúdo de uma obra supõe a forma como um elemento de que necessita para sua existência, o que se faz num *continuum* processual, que envolve produção e recepção:

O conteúdo opõe-se à forma como algo passivo que precisa dela, algo receptivo, acolhedor, englobante, confiável, amável, etc.; logo que eu deixo de ser ativo na forma, o conteúdo que a forma aquietou e concluiu revolta-se e aparece na sua significação pura e ético-cognitiva, isto é, a contemplação estética termina e é substituída por uma empatia puramente ética ou por uma reflexão cognitiva, por um acordo ou um desacordo teórico, uma aprovação ou uma desaprovação prática, etc.

Pareyson (2001, p. 62), igualmente, entende que a “arte nasce no ponto em que não há outro modo de exprimir um conteúdo que o de formar uma matéria, e a formação de uma matéria só é arte quando ela própria é a expressão de um conteúdo.” Com efeito, a literatura, enquanto obra de arte, representa um ambiente comunicativo que destaca a relevância do aspecto formal como um dos princípios fundamentais de sua essência. É nessa dimensão que podemos entender a literatura como um jogo, assim como entende Huizinga (2014, p. 133), para quem “a função do poeta continua situada na esfera lúdica em que nasceu”; ou seja, “na realidade, a *poiesis* é uma função lúdica”.

Entendida a literatura em sua dimensão artística, lúdica, como podemos compreender a leitura do texto literário? Ora, leitura, de forma geral, não é um gesto passivo, de decodificação de uma mensagem ou de “busca pelo que o autor quis dizer”, como se os sentidos já estivessem dados, prontos, definidos *a priori*. Trata-se, pelo contrário, de uma ação que implica atividade, processamento complexo de enunciados, que existem materialmente, como estrutura e como sentidos. Especialmente, no âmbito das artes, o aspecto formal ganha relevo na dinâmica que envolve o ato de criar e o ato de ler o objeto estético. Assim o é com a literatura: a percepção do texto literário em sua *formatividade* (Pareyson, 1993) é um pré-requisito não apenas para a produção, mas também para a leitura; nos dois casos, “[...] eu devo experimentar-me [...] como criador da forma, para realizar inteiramente uma forma artisticamente significativa em enquanto tal.” (Bakhtin, 2010, p. 58) Conforme Pareyson (2010, p. 59): “a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo”.

Nesse diálogo, autor, texto e leitor são falantes e respondentes e, de igual maneira, tanto produzem como sentem a forma textual. O ato de contemplar o objeto arte não implica uma postura passiva, onde o leitor seria apenas um receptor inerte, um mero destinatário da mensagem já pronta para ser decodificada. Pelo contrário, a leitura do texto literário supõe um sujeito leitor que explora o objeto a sua frente, dedicando tempo para sua apreciação, mas ao mesmo tempo, não perdendo de vista sua própria identidade como leitor, um parceiro ativo no processo de interação com a obra. Na verdade, a forma da obra só ganha significado quando as conexões entre o texto e o mundo são trazidas à vida pela percepção do leitor.

De fato, segundo Bakhtin (2011, p. 271), “toda compreensão é prenhe de reposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” Assim, a “compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena” (*idem, ibidem*).

As implicações para a formação docente em Letras, assim, se complexificam. Se, como pensa Freire (2009, p. 83), a postura do estudante e do professor dever ser “dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve”, parece-nos urgente destacar a relevância de concebermos a profissionalização docente em Letras como um momento de formar o docente leitor que se entende como tal, como leitor, e, mais ainda, que se vê como um agente de letramento de novos leitores de literatura.

Isso significa assumirmos um compromisso com a literatura em sua dimensão discursiva, como arte. A compreensão do letramento literário como um “processo”, um “fenômeno dinâmico” de “apropriação” individualizada “de um modo singular de construir sentidos: o literário” (Cosson, 2017, p. 25) pode orientar esse trabalho nos cursos de formação de professores na área de Letras. Quer dizer: pensar o licenciando como leitor em formação e como formador de novos leitores. Nesta última condição, seu trabalho será o de incitar o jogo, provocar a jogabilidade, orientar a construção das regras para se desvelar o mundo por meio da literatura.

Propomos pensar-se a formação de professores de Letras em relação à leitura e à mediação de textos literários, considerando-se a natureza estética da literatura e a importância desse domínio discursivo na adoção de uma atitude ativa, responsiva e emancipada por parte do leitor. Entendemos que esse processo de formação deve conduzir os estudantes de licenciatura a assumirem o papel de futuros leitores e mediadores/agenciadores da literatura na escola. Esses sujeitos, ao se envolverem com textos literários, numa postura responsiva, dialógica, podem assumir um olhar ativo, curioso e emancipado, por meio do qual o texto e seu contexto se apresentam como desafiadores, instigantes e sempre abertos à plurissignificação. Assim, os futuros professores têm a possibilidade de se ver diante de um jogo que exige deles contemplação e ação. A condição de “leitor/mediador-a-ser” (SANTOS, 2021), dos graduandos, pode emergir, aí, de forma mais complexa e responsável com a literatura e com a formação de novos leitores.

Considerações Finais

Concluimos este breve incurso defendendo a compreensão de que a formação docente em Letras deve dar-se a partir de uma dupla perspectiva, no que se refere ao trabalho com a literatura: o licenciando precisa a) construir conhecimentos sobre a literatura, ampliar seu repertório de leituras (de obras clássicas ou não); e b) desenvolver saberes necessários ao

processo de agenciamento do letramento literário dos estudantes da escola de educação básica, com vistas à formação leitora destes.

Nesse percurso, o futuro docente necessita compreender a dinâmica do discurso literário como o resultado de um trabalho estético, cuja natureza revela o texto em sua dimensão composicional singular. A compreensão dessa dinâmica importa, na medida em que revela ao licenciando a complexidade da literatura como espaço de vislumbre poético do mundo; da mesma maneira, tal perspectiva indica caminhos que podem ser trilhados no processo de formação de novos leitores na escola, considerado o papel do professor como um importante agente de letramento literário.

Com Loyola (2013), compreendemos que a formação do leitor literário pressupõe um gesto específico de mediação do professor, que, além de pensar as melhores estratégias para realizar esse trabalho em sala de aula, necessita, também, estar familiarizado com as exigências do discurso literário. Afinal, o “professor de literatura precisa ser antes de tudo um leitor de literatura, da sua singularidade enquanto texto e enquanto obra” (LOYOLA, 2013, p. 121).

Palavras-chave: Formação docente; Literatura; Letramento literário.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____. Estética da criação verbal. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In : Vários Escritos. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2017.
- CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: Becca, 1999.
- LOYOLA, Juliana Silva. Leitura literária e ensino: paradoxos, desafios e propostas. In: BARBOSA, Juliana Bertuucci & BARBOSA, Marinalva Vieira. Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor. 1. ed. Campinas: SP, Mercado de Letras, 2013.
- PAREYSON, Luigi. Os problemas da estética. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, Fábio José dos. Sobre o jogo de ler/mediar literatura: formação docente em Letras e leitura estética ativa-responsiva. In: SANTOS, Fábio José dos (org.). Reflexões sobre formação docente: práticas múltiplas, olhares diversos. Maceió: Editora Cesium, 2021.